

Elementos para uma análise semântica das construções com *enquanto*

ANA CRISTINA MACÁRIO LOPES
Universidade de Coimbra

Este trabalho insere-se num projecto de investigação mais vasto, centrado na descrição semântica e pragmática de alguns itens plurifuncionais da língua portuguesa escassamente contemplados nas gramáticas disponíveis.¹ Tradicionalmente classificados como pertencendo a uma determinada categoria gramatical (advérbios, conjunções e locuções conjuncionais, preposições), revelam um comportamento discursivo heterogéneo, que aponta para a necessidade de uma descrição mais fina, onde se articulem os diversos domínios da significação em que operam. Os resultados da investigação já realizada no âmbito do funcionamento discursivo da linguagem apontam para a produtividade, e consequente grau de adequação explicativa, de um quadro teórico que contemple diversos níveis ou tipos de significação veiculada pelas línguas naturais ("multiple domain-structures", na terminologia de Sweetser (1990)). Assim, e independentemente da flutuação terminológica existente, a investigação contemporânea em torno da significação linguística contextualizada admite um nível ou domínio *proposicional* de representação de estados de coisas ou situações do mundo (único domínio contemplado pela semântica verocondicional), um nível *interpessoal*, que envolve (i) a expressão da atitude do falante face ao conteúdo proposicional do seu enunciado (atitude essa que pode ser uma avaliação epistémica ou axiológica) e (ii) a própria dimensão ilocutória do enunciado produzido, e um nível *textual*, onde se enquadra a significação que relewa da estrutura informacional do texto e ainda a significação de carácter metadiscursivo. Os itens linguísticos de que me ocupo são plurifuncionais justamente porque muitas vezes operam nos diversos domínios discriminados, dando origem, em sincronia, a um conjunto flexível de usos e de valores.

Entre esses valores, verifica-se uma rede de afinidades que pode ser explicada, se não desvincularmos a semântica da cognição e da pragmática. Com efeito, parece ser possível estabelecer frequentemente conexões sistemáticas entre os diversos domínios da significação, conexões motivadas quer pela projecção metafórica da estrutura de um dos domínios (nomeadamente do domínio que corresponde à representação da nossa experiência do mundo) num outro, quer pela convencionalização de determinadas inferências conversacionais.

Neste trabalho, proponho-me analisar os valores de *enquanto* no português europeu contemporâneo. Na primeira parte (1.), descrevo o seu funcionamento em construções temporais; seguidamente em (2.), analiso construções em que o conec-

¹ Este projecto desenvolve-se no âmbito do CELGA, Unidade de I&D n° 287.

tor em questão marca um nexos contrastivo; no final do ponto 2, teço algumas considerações sobre o comportamento sintáctico do conector, nos dois tipos de construções entretanto analisadas; por fim (3.), abordo a estrutura *enquanto*+SN, perspectivada como 'delimitador'.² Os dados empíricos englobam quer exemplos construídos por mim, quer enunciados retirados do Corpus de Referência do Português Contemporâneo (doravante CRPC).³

1. Construções temporais com *enquanto*

Tradicionalmente classificado como conjunção temporal, *enquanto* é um conector interfrásico que introduz uma oração subordinada temporal. A função desta oração é determinar a localização temporal da situação descrita na oração principal. Neste sentido, as orações subordinadas temporais funcionam semanticamente como adjuntos de localização temporal. Os termos exactos dessa localização dependem, naturalmente, da semântica do conector. Para caracterizar a semântica deste conector, importa especificar (i) a instrução de ordenação temporal que ele veicula e (ii) a categoria aspectual das expressões com que pode combinar-se.

Em termos de ordenação temporal, o conector *enquanto* expressa uma relação de sobreposição; assim, a situação descrita na oração principal situa-se num intervalo de tempo que se sobrepõe ao intervalo de tempo ocupado pela situação descrita na oração subordinada. Vejamos agora quais as restrições de *aktionsart* que o conector impõe, quer na situação descrita na oração subordinada, quer na situação a localizar, descrita na oração principal. Partirei da clássica tipologia aspectual de Vendler (1967).⁴

Começo por analisar construções que envolvem a descrição de dois estados. Vejam-se os exemplos (1) e (2):

- (1) Enquanto vivi em Coimbra, estive (sempre) acompanhada.
- (2) Enquanto vivi em Coimbra, estive acompanhada durante 6 meses.

Ao conectar discursivamente dois estados, *enquanto* mantém intacto o valor de *aktionsart* das expressões predicativas. A interpretação, no plano da localização temporal, é de sobreposição total, em (1), e de sobreposição parcial, em (2). Em (1), representam-se dois estados co-extensivos; em (2), o adverbial temporal 'durante 6 meses' circunscreve/delimita a duração do estado descrito na oração principal, o que bloqueia a leitura em termos de sobreposição total e induz uma leitura em termos de sobreposição parcial ou inclusão:⁵ o intervalo de tempo ocupado pela situa-

² Este termo aparece em Castilho (1993).

³ Queremos agradecer ao CLUL o acesso ao sub-corpus oral e escrito do Corpus de Referência do Português Contemporâneo onde se verificam ocorrências de *enquanto*, nomeadamente à Sandra Amendoeira, que prontamente acedeu ao meu pedido e me enviou os dados requeridos, devidamente contextualizados.

⁴ A inclusão de uma proposição numa determinada classe de *aktionsart* envolve uma computação complexa, que resulta da interacção entre o valor aspectual intrínseco da expressão predicativa, a flexão verbal e a eventual ocorrência de adjuntos adverbiais temporais.

⁵ A inclusão é um caso particular da relação de sobreposição, na medida em que configura uma sobreposição parcial de intervalos de tempo.

ção a localizar está incluído no intervalo de tempo que funciona como ponto de referência.

Veja-se agora o exemplo (3), onde *enquanto* articula uma descrição de actividade com uma descrição de estado:

- (3) Enquanto fumei, não tive problemas de saúde.

Verifica-se uma plena compatibilidade entre o conector em apreço e a descrição de actividade, expressa na oração subordinada. A actividade e o estado descritos são interpretados como temporalmente coincidentes. Saliente-se que as duas classes de *aktionsart* ilustradas – estados e actividades – partilham dois traços comuns relevantes, os traços [- pontual] (ou [+ durativo]) e [-télico].

Vejamos agora a compatibilidade de ocorrência entre *enquanto* e a descrição de eventos, a partir dos exemplos (4) e (5).

- (4) Enquanto o João escreveu o romance, a Ana desapareceu.
- (5) * Enquanto o João atingiu a meta, a Ana desmaiou.

Em (4), *enquanto* combina-se com uma descrição de *accomplishment* e promove automaticamente uma alteração de *aktionsart* ou uma comutação aspectual: a leitura induzida parece-me ser 'enquanto esteve a escrever o romance', o que significa que o ponto de culminação do evento é eliminado pela ocorrência de *enquanto*, sendo apenas representado o processo preparatório desse mesmo evento, o que equivale à representação de uma actividade.⁶ Neste exemplo, o intervalo de tempo que o evento pontual descrito na oração principal ocupa está incluído no intervalo de tempo delimitado pela oração subordinada.

Atente-se agora em (5), onde o asterisco marca a agramaticalidade do enunciado. Sendo a situação descrita na oração subordinada um *achievement*, ela comporta o traço [+ pontual], que se revela incompatível com a semântica de *enquanto*. Veja-se ainda o exemplo (6):

- (6) Enquanto o João bateu à porta/tocou a campainha, o cão desapareceu.

Contrariamente a (5), onde a oração introduzida por *enquanto* representa um evento pontual e télico, em (6) o evento descrito na subordinada é pontual mas atélico. Parece, pois, pertinente subdividir a classe dos *achievements* em duas sub-classes, em função do parâmetro [\pm télico]. Verifica-se plena compatibilidade entre *enquanto* e descrições de *achievements* atélicos, graças à activação de uma leitura iterativa. Por outras palavras, a co-ocorrência de *enquanto* com descrições de *achievements* atélicos induz uma interpretação iterativa que devolve o traço [- pontual] (ou [+ durativo]) à situação descrita na oração subordinada, transformando-a assim numa descrição de actividade. Quando se verifica esta comutação aspectual, estão criadas as condições para uma localização temporal em termos de sobreposição total.

⁶ Adopto a concepção tripartida de evento proposta por Moens (1987).

Os exemplos analisados parecem autorizar a seguinte generalização: numa construção temporal do tipo *enquanto p, q* (ou *q, enquanto p*), *p* comporta necessariamente o traço [- pontual]. Há, pois, restrições claras de *aktionsart* impostas por *enquanto* na situação descrita na oração subordinada. Quanto à situação descrita na oração principal, diremos que ela admite duas interpretações, no plano da localização temporal: ou está totalmente sobreposta à primeira (com a consequente co-extensão em termos durativos), ou ocupa um intervalo de tempo que só parcialmente se sobrepõe ao primeiro (relação de inclusão). No caso da sobreposição total, a situação a localizar comporta necessariamente o traço [- pontual]; no caso da inclusão, a situação descrita na oração principal tem de ser [+ pontual] (cf. ex. (4)) ou durativamente menos extensa (cf. ex.(2)).

Parece, então, possível concluir que *enquanto* opera comutações aspectuais quando se combina com descrições de eventos pontuais atélicos (cf.(6)) e eventos durativos télicos (cf. (4)). Em ambos os casos, induz uma interpretação em termos de actividade.⁷

1.1. Até aqui, foram analisados exemplos em que o conector *enquanto* introduz uma oração finita. Há, no entanto, construções em que o mesmo operador temporal co-ocorre com uma expressão de natureza pronominal sem autonomia referencial. Veja-se o exemplo (7):

(7) A Patrícia dormiu toda a tarde. Enquanto isso, o João brincou/brincava com os amigos.

Em contextos deste tipo, *isso* retoma anaforicamente a situação descrita na frase anterior, ou melhor, o intervalo de tempo ocupado por essa situação. O adjunto temporal *enquanto isso* localiza a situação descrita na frase *O João brincou com os amigos* num intervalo de tempo que se sobrepõe totalmente ao intervalo ocupado pela situação descrita na frase *A Patrícia dormiu toda a tarde*.

A variação das interpretações, em termos de sobreposição total ou parcial, dependerá, uma vez mais, dos valores de *aktionsart* das duas proposições conectadas por *enquanto*, na linha do que acima se disse.

1.2. Antes de encerrar este parágrafo consagrado à análise das construções temporais com *enquanto*, parece-me relevante confrontar as construções episódicas que até agora têm funcionado como exemplos com construções genéricas onde igualmente se verifica a ocorrência do conector. Vejam-se os exemplos (8) e (9):

(8) Enquanto o pau vai e vem, folgam as costas.

(9) Enquanto disputam os cães, come o lobo a ovelha.

⁷ Em Moens (1987: 84-85), assinala-se idêntico poder coercitivo do conector inglês equivalente, *while*, que transforma eventos em 'processos' (termo que, na terminologia de Moens, equivale às 'actividades' de Vendler). Em português, como vimos em (5), nem todos os eventos são compatíveis com *enquanto*, uma vez que nem sempre é possível uma leitura iterativa de eventos que envolvem culminações. Essa leitura iterativa é bloqueada em (5) pelo nosso conhecimento do mundo.

Em ambos os casos, exprime-se uma correlação genérica entre duas situações: normalmente, em todas as ocasiões em que se verifica uma ocorrência da situação descrita na subordinada, verifica-se concomitantemente uma ocorrência da situação descrita na principal. Poder-se-ia considerar a hipótese de *enquanto* comutar com *quando* em construções deste tipo:⁸

(9') Quando disputam os cães, come o lobo a ovelha.

No entanto, se é verdade que (9') implica igualmente uma interpretação que envolve a repetição de pares de situações sobrepostas (sendo *quando* equivalente a *sempre que* ou *em todas as ocasiões em que*), não é menos verdade que em (9) há um relevo concedido à duração que não se verifica em (9'). Por outras palavras, e de forma mais rigorosa, o conector *enquanto* envolve uma localização durativa que não está necessariamente associada aos usos de *quando*. Assim, é no decurso da situação descrita na oração introduzida por *enquanto* que se deve localizar (em termos de sobreposição total ou parcial) a situação descrita na oração principal. *Enquanto* é, pois, sempre parafraseável por *durante o tempo em que*, tanto nas construções genéricas como nas episódicas.

1.3. Refira-se, por fim, que no CRPC, e em termos percentuais, é claramente maioritário o valor temporal de *enquanto*. No sub-corpus oral, numa amostra de 158 ocorrências, 44,3% são ocorrências da conjunção temporal. São ainda de referir, no mesmo sub-corpus, as ocorrências da expressão *por enquanto* (23 ocorrências, ou seja, 14,5%), adjunto adverbial igualmente de valor temporal.⁹ No sub-corpus escrito, num total de 151 ocorrências, 48,6% são ocorrências da conjunção temporal e há ainda 5 ocorrências da expressão *por enquanto*.

2. Construções contrastivas com enquanto

Vejam-se agora os exemplos (10) e (11):

(10) A Sic joga nas audiências, enquanto (que) a RTP 2 aposta na qualidade cultural.

(11) "Nos cafés não, porque é, como digo, é caro mesmo, vai para alguns dez escudos cada cálice, dez, enquanto que a garrafa é muito mais barato (...)" [843-04-B00-029-20-M-C-3-6-00].

Em (10) e (11), a expressão da relação de sobreposição temporal entre duas situações não parece ser o valor relevante veiculado pelo conector. Com efeito,

⁸ Veja-se Carecho (1977) para uma análise aprofundada da semântica das construções com *quando*.

⁹ Encontrei ainda 3 ocorrências da estrutura *enquanto SN*, em que se verifica uma elisão do predicador verbal: veja-se, a título de exemplo, "Eu trabalhei na pediatria apenas dois meses, enquanto fiz, enquanto aluna" [878-20-A00-011-27-F-A-4-8-00]. Neste exemplo, 'enquanto aluna' significa, naturalmente 'enquanto fui aluna'. Trata-se ainda de uma construção temporal, embora sob a forma de oração adverbial reduzida..

recorrendo à minha intuição de falante nativa da língua, posso substituir o conector por *ao passo que*, ou ainda, *ao invés*, mantendo intacto o significado do enunciado.

O locutor que enuncia (10) ou (11) visa essencialmente marcar um contraste entre duas situações, contraste esse que se verifica no mesmo intervalo de tempo.¹⁰ A asserção de (10) e (11) pressupõe uma avaliação comparativa prévia de situações. Não sendo particularmente relevante a informação de natureza temporal, o conector adquire um novo valor, sendo decisivo, nesse processo, o próprio conteúdo proposicional das duas frases por ele interligadas. Com efeito, *enquanto (que)* só permite expressar um contraste entre duas proposições se elas forem semanticamente opostas.¹¹ Veja-se a inaceitabilidade de (12) e (13):

(12) *A Sic joga nas audiências, enquanto (que) a RTP 2 faz o mesmo.

(13) ??A Patrícia é alta, enquanto (que) o João é louro.

O asterisco em (12) marca a impossibilidade de uma leitura contrastiva da construção em apreço, impossibilidade essa que se deve ao facto de se articularem duas proposições que descrevem situações similares;¹² em (13), a inaceitabilidade – ou, pelo menos, a forte estranheza – releva do facto de se estabelecer um contraste entre situações que não são, à partida, comparáveis, dado que não partilham nenhuma propriedade.

Embora haja quem inclua as construções adversativas no conjunto mais amplo das construções contrastivas,¹³ a verdade é que *mas* e *enquanto* não expressam de facto o mesmo valor, pelo que não são mutuamente substituíveis. Vejam-se os seguintes exemplos:

(14) Está a chover, mas vou sair.

(15) *Está a chover, enquanto vou sair.

(16) A Sic joga nas audiências, mas a RTP 2 joga na qualidade.

Como (15) demonstra, *enquanto* não comuta com *mas* em construções que expressam uma contradição entre o que se pressupõe (*se chove, não se sai*) e o que se verifica no mundo real (*chove e eu saio*). Por outras palavras, *enquanto* não pode substituir *mas* nas construções que articulam duas proposições *p* e *q*, descrevendo *q* uma situação que contraria/nega as expectativas activadas/abertas pela situação previamente descrita em *p*. Em (16), a ocorrência de *mas* é aceitável, embora carregue uma dimensão argumentativa suplementar que está ausente no exemplo (10).

¹⁰ A propósito dos conectores contrastivos, diz Sweetser: "How can discordance or contrast exist outside of the speaker's mental concept of harmony or non-contrast?" (1990:104). Para a autora, os conectores que exprimem contraste (concretamente, em inglês, *but*) operam no domínio epistémico da significação.

¹¹ Falo de proposições semanticamente opostas quando numa delas ocorre um predicador C e na outra um predicador não-C ou D, sendo que de D se infere normalmente não-C.

¹² Para exprimir o resultado de uma avaliação comparativa que aproxime situações, evidenciando a sua similitude, usar-se-ia, em português, o conector *como*, ou *tal como*: *A Sic joga nas audiências, tal como a RTP*.

¹³ É o que faz, por exemplo, O. Lopes (1986).

Com efeito, (10) apenas expressa um contraste que pressupõe uma comparação prévia entre situações; já em (16), o argumento introduzido por *mas* sugere e apoia uma conclusão que contradiz a conclusão sugerida e suportada pelo primeiro argumento, ou seja, *mas* articula dois enunciados com orientações argumentativas opostas. Diremos, então, que *mas* e *enquanto (que)* não comutam livremente. Assim sendo, justifica-se manter a designação tradicional de *adversativas* para as construções com *mas*, reservando o termo *contrastivo* para construções em que ocorrem os conectores *enquanto (que)*, *ao passo que*, *ao invés*.

2.1 O comportamento sintáctico das construções em que ocorre este *enquanto (que)* com valor contrastivo não parece ser, numa primeira abordagem, substancialmente distinto do que se verifica nas construções em que ocorre o *enquanto* temporal. De facto, tanto o conector temporal como o conector contrastivo dão origem a produtos de natureza frásica, que podem ocorrer como complementos encaixados de um verbo ou de um advérbio de frase. Vejam-se os seguintes exemplos:

(17) O Pedro disse [que [a Ana saiu enquanto a mãe estava ao telefone]].

(18) Possivelmente, [a Ana saiu enquanto a mãe estava ao telefone].

(19) O Pedro disse [que [a Sic jogava nas audiências, enquanto (que) a RTP 2 apostava na qualidade]].

(20) Possivelmente, [a Sic joga nas audiências, enquanto (que) a RTP 2 aposta na qualidade].

No entanto, uma análise mais aprofundada mostra-nos que há comportamentos sintácticos distintos entre os dois tipos de construção em apreço: a oração temporal introduzida por *enquanto* admite ser focalizada, o que não acontece com a oração introduzida pelo *enquanto* contrastivo. Vejam-se os seguintes exemplos:

(21) Foi enquanto a mãe estava ao telefone que a Ana saiu de casa.

(22) *É enquanto a RTP2 aposta na qualidade que a Sic joga nas audiências.

Por outro lado, se utilizarmos o teste da negação, verificamos que a construção temporal pode ser globalmente colocada sob o escopo do operador de negação proposicional, o que não acontece com a construção contrastiva, como se pode verificar em (23) e (24):

(23) A Ana não saiu de casa enquanto a mãe estava ao telefone.

(24) A RTP 2 não aposta na qualidade, enquanto (que) a Sic joga nas audiências.

Em (24), ao contrário do que acontece em (23), o operador de negação não nega toda a estrutura, ou seja, todo o período, mas apenas a frase em que ocorre.

Assim, as construções contrastivas com *enquanto* parecem revelar afinidades com as construções de coordenação, que tipicamente rejeitam a clivagem ou focali-

zação, bem como a negação proposicional.¹⁴ No entanto, ao contrário das demais construções de coordenação, o movimento parece possível, como atesta o exemplo seguinte:

(25) Enquanto (que) a RTP 2 aposta na qualidade, a Sic joga nas audiências.

O *corpus* extraído do CRPC comprova a possibilidade do movimento. Parece-me que a ordem de ocorrência das duas orações depende do modo como o falante se propõe organizar e distribuir a informação no discurso. Assim, diferentes estratégias discursivas desembocam necessariamente em distintos efeitos pragmáticos: na construção *enquanto que p, q*, a anteposição marca informação já conhecida, que funciona como ponto de partida para a progressão informativa; na construção *p, enquanto que q*, a posposição envolve a focalização da oração que veicula informação nova.

O confronto com o *corpus* permitiu-nos validar uma hipótese colocada à partida, segundo a qual a expressão *enquanto que* estaria a substituir o conector simples *enquanto*, nas construções contrastivas. De facto, o sub-corpus oral mostra-nos que, num total de 45 ocorrências com valor contrastivo, 38 são ocorrências de *enquanto que* (84%) e apenas 7 são ocorrências de *enquanto* (15%). Já no sub-corpus escrito, num total de 61 ocorrências com valor contrastivo, há 20% de ocorrências de *enquanto que* e 20,6% de ocorrências de *enquanto*. Na oralidade, é visível a tendência que aponta para a mudança; na escrita, tal tendência não é tão evidente ou marcada, mas reflecte claramente uma flutuação entre estruturas isofuncionais. Se estratos mais cultos da comunidade linguística ainda estigmatizam a locução *enquanto que* (note-se que a locução não está sequer dicionarizada),¹⁵ o que significa que estamos perante uma situação de variação diastrática, a frequência do uso generalizado na oralidade e a consequente 'invasão' progressiva da escrita pode acabar por impor uma especialização: *enquanto* poderá vir a ser utilizado apenas para a expressão do valor temporal e *enquanto que* para o valor contrastivo.

2.2. Os exemplos analisados em 1. e 2. evidenciam dois valores distintos associados a *enquanto*, que não mantêm entre si nexos conceptuais típicos da polissemia. No entanto, seria uma solução demasiado fácil resolver o problema em termos de homonímia, já que a força explicativa desta solução é nula. Penso que é bem mais produtiva uma análise que contemple uma possível inter-relação entre os dois usos. E essa análise pode ser apoiada em mecanismos de natureza pragmática. Assim, parece-me plausível que o valor contrastivo de *enquanto* resulte da convencionalização de uma primitiva implicatura conversacional, emergente em determinados contextos, nomeadamente contextos em que o conector articula duas proposições semanticamente opostas. Neste tipo de contextos, a expressão de uma relação de sobreposição temporal entre situações pode implicar a relevância que o

¹⁴ Sobre os diferentes 'testes sintácticos' que permitem delimitar afinidades e diferenças entre estruturas de coordenação e estruturas de subordinação, veja-se Peres (1997).

¹⁵ Em Machado (1981: 451) diz-se o seguinte, numa observação que remata a entrada consagrada a *enquanto*: "Não se deve usar a locução *enquanto que* (sinónima de *ao passo que*), devida ao francês *tandis que*".

locutor concede à co-existência de situações opostas/contrastantes. É possível que a convencionalização desta implicatura seja responsável pela diluição/apagamento do valor temporal do conector, que passa a marcar apenas um nexo de contraste.

3. A estrutura *enquanto* +SN¹⁶

Vejam-se, por fim, os exemplos (26) e (27):

(26) Enquanto professora, não posso aceitar essa decisão.

(27) "(...) o presidente da república é, enquanto presidente e enquanto homem, um cidadão tolerante e aberto" [O1701]

Enquanto, nestes contextos, é parafraseável por *na qualidade de, como*. Em (26) e (27), *enquanto* +SN funciona sintacticamente como adjunto a SN¹⁷ (*eu* subentendido, no primeiro exemplo, *o presidente da república*, no segundo) e semanticamente delimita as condições que validam o conteúdo proposicional da asserção. Assim, a estrutura em apreço parece ter uma função semelhante à dos "hedges",¹⁸ já que circunscreve a validade da asserção à vigência da restrição expressa pelo adjunto.

Ao enunciar (26) ou (27), o locutor não visa expressar nem uma relação de sobreposição temporal nem uma relação de contraste entre duas situações, antes se propõe circunscrever as circunstâncias que validam a asserção: a predicação expressa só é verdadeira se o referente envolvido na denotação do SN ao qual se aplica a estrutura *enquanto* SN for considerado numa determinada perspectiva intensional, aquela que é justamente delimitada pela estrutura em causa. O sujeito enunciador perspectiva intensionalmente a entidade referenciada, e condiciona, deste modo, a validade da asserção. *Enquanto* SN expressa, por conseguinte, uma instrução acerca do modo como deve ser interpretado um constituinte da frase, e interage com as condições de felicidade da asserção em que ocorre.

¹⁶ Não incluo neste parágrafo a estrutura *enquanto* SN que ocorre em contextos do tipo "Enquanto presidente, desenvolveu uma obra notável" (exemplo avançado por Inês Duarte, a quem agradeço as observações de carácter sintáctico que gentilmente me fez chegar), na medida em que, sendo parafraseável por *enquanto foi presidente, desenvolveu uma obra notável*, admite uma análise idêntica à que foi proposta para as construções temporais com *enquanto*. A única diferença relativamente aos exemplos analisados em 1. reside no facto de se tratar de uma oração adverbial reduzida. Assinale-se ainda que o exemplo comentado nesta nota é uma frase ambígua, já que, para além da interpretação proposta, admite ainda uma interpretação idêntica à dos exemplos comentados em 3.

¹⁷ Trata-se de um adjunto não oracional, um aposto cuja categorização sintagmática envolve alguma dificuldade. Se tivermos em conta que *enquanto* provém de *em* + *quanto*, a categorização mais aceitável parece ser a de Sintagma Preposicional.

¹⁸ A denominação 'hedge' foi proposta por Lakoff (1972). Lakoff constata que "natural language sentences will very often be neither true, nor false, nor nonsensical, but rather true to a certain extent and false to a certain extent, true in certain respects and false in other respects" (1972: 183). 'Hedges' são expressões linguísticas (por ex., *sort of, loosely speaking, technically*) que expressam instruções acerca do modo como a frase em que ocorrem deve ser interpretada. Castilho chama 'delimitadores' aos adverbiais de modalização epistémica que "estabelecem os limites dentro dos quais se deve encarar o conteúdo de P" (1993: 222). São exemplos de 'delimitadores', entre outros, *do ponto de vista* + *adj.*, *biologicamente*, *profissionalmente*.

Note-se que construções deste tipo admitem uma continuidade discursiva em que se explicita uma perspectivização intensional distinta da entidade envolvida na denotação do SN relevante. Assim, a (26) poderia acrescentar-se (26')

(26') Enquanto mãe, posso aceitá-la.

No CRPC, só encontramos 4 ocorrências deste adjunto delimitador. São claramente mais significativos, do ponto de vista quantitativo, os usos temporal e contrastivo do conector.

4. Observações finais

A análise das diferentes construções em que ocorre *enquanto* parece apontar para a produtividade de um quadro teórico que contemple distintos domínios da significação. Assim, nas construções de localização temporal, analisadas em 1., *enquanto* parece operar ao nível da significação referencial, explicitando um nexo de ordenação temporal, em termos de sobreposição, total ou parcial, entre situações do mundo. Nas construções contrastivas, analisadas em 2., verifica-se um processo de subjectivação: o conector passa a expressar a atitude epistémica do falante, que avalia comparativamente as duas situações descritas, marcando entre elas um contraste. As construções em que *enquanto*+SN funciona como adjunto delimitador, referidas em 3., merecem um estudo mais aprofundado; para já, direi apenas que me parece pertinente convocar o domínio pragmático da significação, na sua análise: ao especificar as condições em que uma determinada asserção é válida, o adjunto delimitador parece formatar o próprio acto discursivo.

Bibliografia

- Carecho, J. (1997) – *Para uma análise semântica das construções com 'Quando'*, diss. de mest., Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Castilho, A. e Castilho, C. (1993) – “Advérbios modalizadores”, in R. Ilari (org.), *Gramática do português falado*, vol. II, Campinas, Unicamp, 213-260.
- Lakoff, G. (1972) – “Hedges: a study in meaning criteria and the logic of fuzzy concepts”, in *Papers from the Eighth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, Chicago, 183-228.
- Lopes, O. (1986) – “Sobre as contrastivas em português”, in *Actes du XVII Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*, Aix-en-Provence, vol.4, 543-554.
- Machado, J. P. (1981) – *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, vol.4, Lisboa, Amigos do Livro Eds.
- Moens, M. (1989) – *Tense, aspect and temporal reference*, Ph.D. Dissertation, University of Edinburgh.
- Peres, J. (1997) – “Sobre conexões proposicionais em português”, in *Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*, Porto, Campo das Letras, 775-787.
- Sweetser, E. (1990) – *From etymology to pragmatics*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Vendler, Z. (1967) – *Linguistics in philosophy*, Ithaca, Cornell University Press.